

Anais do
VI Seminário Multidisciplinar ENIAC Pesquisa 2014
VI Encontro Da Engenharia Do Conhecimento Eniac
VI Encontro De Iniciação Científica Eniac
VI Fábrica de Artigos

PONTOS DE CONVERGÊNCIAS: CARACTERÍSTICAS IMPRESSIONISTAS NO PRÉ-CINEMA. LUZ NA CÂMERA E NA AÇÃO

POINTS OF CONVERGENCE: IMPRESSIONIST CHARACTERISTICS IN PRE-CINEMA. LIGHT ON THE CAMERA AND IN ACTION

Sanny Correia Da Silva

Sanny Correia da Silva é Especialista em História da Arte; Mediadora de Conflitos, Trainer em PNL.
sannycorreia@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho pretende levantar e cruzar dados e informações sobre a possibilidade da Arte Impressionista do final do Século XIX ter influenciado o Pré-Cinema. O cinema, em seu primeiro momento tido somente como mais uma

maravilha do mundo capitalista e industrializado e pós-revolução industrial, surge como uma evolução natural da fotografia, que – por sua vez – representou uma revolução sem igual para as artes visuais, sendo que a pintura foi o campo de manifestação artística que mais sentiu a mudança advinda da patente fotográfica.

Palavras-chave: cinema, artes visuais, fotografia, produção fílmica.

ABSTRACT

This paper aims to raise and cross data and information on the possibility of the end of the nineteenth century Impressionist Art have influenced the Pre-Cinema. Cinema, in its first phase considered just another wonder of the capitalist and industrialized world, after industrial revolution, is a natural evolution of photography, which - for its turn - represented a unique revolution for the visual arts, and painting was the artistic manifestation field that most felt the change arising from photographic patent.

Keywords: cinema, visual arts, photography, film production

INTRODUÇÃO

Aventamos a possibilidade de considerar o século XIX como a era de ouro ou o grande ápice nos campos da tecnologia e crescimento cultural de nossa história. Os avanços técnicos e científicos nos mostram esta realidade na mesma proporção podemos dizer que as Artes seguiram os mesmos novos padrões. De acordo com Correia (2014) e Costa, (1995) respectivamente,

"Na segunda metade do século XIX o mundo via emergir uma irremediável tendência pela idolatria científica. O positivismo, a psicologia, o avanço tecnológico das estradas de ferro, do telefone, da luz elétrica e das engenhocas futuristas que enchiam salões como foi o caso da Great Exhibition of the Works of Industry of all Nations no Crystal Palace de Londres já em 1851, que mostrava ao mundo as últimas novidades da ciência." (CORREIA,2014).

"Com a revolução científico-tecnológica ocorrida a partir de 1870, uma série de fatores passaram a alterar drasticamente a vida das pessoas que habitavam as cidades da Europa e dos Estados Unidos. Assim:A estrutura de produção industrial (...) deu lugar à formação de grande conglomerados produtivos. Por suas dimensões, essas indústrias exigiam o investimento de capitais privados (...). A chegada da eletricidade certamente transformou as percepções. (...) os aparelhos de produção/reprodução visual de imagens entraram na corrente da industrialização massiva no momento mesmo em que acenaram com capacidade de gerar lucro e de expandir mercado" [COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema*. São Paulo: Scritta, 1995. P. 24].

No caso das artes visuais, após uma série de crises no século XVIII, que culminou com o Romantismo e as paisagens bucólicas de Turner e Constable, a fotografia representou uma nova necessidade de representação pictórica para os artistas. O interesse não é mais a representação do mundo como tal, já que a fotografia o fazia com maior eficiência, e o foco agora seria no processo do olhar, e não mais no que se via de fato. O interesse do que veio a ser chamado de Impressionismo, agora repousava sobre a luz e sua dinâmica, pouco importando o "assunto" retratado. O material que se sensibilizava ao toque da luz natural produzindo a imagem numa fotografia, agora era o interesse de investigação de pintores que passavam a deixar seus ateliês para pintarem a vida cotidiana, misturando um senso de catalogação do mundo com investigação artística. Se era a luz o elemento responsável pela impressão de

uma “verdade” que duraria para a eternidade, era a luz, então o elemento principal de pesquisa. Desta forma, o Impressionismo passa a buscar as nuances da luz sobre o que será reproduzido.

Jacques Aumont, pesquisador das artes e do cinema como arte autônoma afirma que Lumière foi o último traço do impressionismo com seus filmes, o que podemos tomar como verdade se nos debruçarmos sobre a história no período dos irmãos inventores do advento cinematográfico tal e qual vemos hoje¹.

Aqui não se busca investigar uma relação consciente entre o cinema de Lumière e o Impressionismo, certo estamos de que tal enfoque seria frustrado em sua raiz, já que é pouco provável que sequer os irmãos Lumière amassem a arte, mesmo que de longe (AUMONT, p. 28). O que há aqui é uma relação de sincronidade repousada sobre um fenômeno social inerente ao período que compreende toda a segunda metade do século XIX.

Embora Aumont vá dizer do acaso na relação entre Lumière e o Impressionismo, cabe-nos examinar a razão desta casualidade, portanto vamos agora relacionar alguns pontos de contato entre a pintura impressionista e o primeiro cinema de Lumière. Porém antes é preciso retomar o conceito de catalogação e fé no positivismo da sociedade européia em fins do

século estudado. Os irmãos Louis e Auguste Lumière jamais acreditaram que seu cinematógrafo algum dia seria o “start up” de uma nova arte com autonomia própria. Para eles, a câmera não era mais do que um invento de avanço tecnológico cuja importância seria logo suplantada. Falta de visão à parte, vamos aos dados:

O Impressionismo tinha por essência capturar a cena cotidiana, o progresso, a maravilha do mundo moderno cunhado pelas mãos do homem (bem além das tendências religiosas que guiaram a pintura até o século XVII)

Mais uma vez às questões de relação entre Lumière e os impressionistas, Aumont irá destacar a questão do “impalpável, em que a luz, como matéria visual por excelência pura, pode, sequer, ser vista, a não ser por seus efeitos sobre o objeto; o “irrepresentável”, uma vez que impalpável, a luz jamais poderá ter linhas, e portanto sua presença se manifesta através do objeto e da passagem de suas nuances; o fugidio, ou a questão do tempo, em que a pintura impressionista representa, então, a síntese temporal, fixando o efêmero (AUMONT, 2004. pp 35-36). O autor francês, na referência salientada, irá continuar afirmando que tais pontos já foram suscitados quando a fotografia surge e “embalsama” o tempo. Desta forma, correto seria dizermos do cinema de Lumière que em suas “vistas” (como eram chamados os primeiros filmes rodados) congregam a difusão da luz (elemento impalpável e único) contorna uma realidade para representar através do irrepresentável, e finalmente fixa o tempo efêmero por meio da síntese, embalsamando uma realidade que passa a ser a representação

¹ Embora Thomas Edison tenha o crédito de pioneiro da imagem em movimento, tendo patenteado o Kinetoscópio já em 1894, foi somente com os Irmãos Lumière que o mundo conheceu o espetáculo cinematográfico tal qual conhecemos até hoje: uma sala de exibição coletiva. O Kinetoscópio possibilitava a projeção de filmes curtos para somente uma pessoa de cada vez, enquanto o Cinematógrafo podia filmar e projetar filmes para platéias inteiras.

de um olhar, como que capturando a “anima” de um macrocosmo inerente à sua própria temporalidade.

Por fim, relacionando o cinema de Lumière com a pintura impressionista, vemos traços fortes de estudo sobre a evolução da luz sobre o objeto, a pintura direta sem retoques, o que no caso do cinema representa a abordagem documental do motivo tal qual é ou acontece, o registro de cenas banais, já que o importante é a técnica e não o assunto e a forte necessidade de se cristalizar para a eternidade a cena cotidiana.

O cinematógrafo pinta! Sua relação de sincronia com a pintura impressionista denota não somente o registro de um mundo modernizado pelo capitalismo burguês, mas também a impalpabilidade do mundo, retratável somente por meio da impressão do contorno de uma verdade que nem o artista pode ter certeza se realidade é. O artista pinta o que vê, ou pinta o que pensa que vê? Eis a questão que Gombrich irá levantar em seu *Arte e ilusão*, cujo aprofundamento e sua teoria render-nos-ia um trabalho de maior fôlego.

1. OBJETIVOS

1.1 Objetivo Geral

Investigar o período do final do Século XIX e início do Século XX (1895-1905) da Arte Impressionista em relação ao surgimento do Pré-Cinema.

1.2 Objetivos específicos

Mapear a obra Impressionista a partir de 1895. Mapear as produções cinematográficas do Pré-Cinema de 1895 até 1905. Estudar as produções cinematográficas dos Irmãos Lumière. Comparar a luz e o enquadramento das obras Impressionistas e das primeiras produções cinematográficas. Observar as interações entre os dois tipos de arte, mapear, analisar a existência dos pontos de convergências.

2. REVISÃO DA LITERATURA

São escassas as publicações acadêmicas que falam diretamente da relação dos pontos de convergências e das características Impressionistas no pré-cinema. Na tentativa de compor o tema será utilizada como recurso, a obra: “Arte Moderna” de Argan (2010), de Aumont (2004) serão utilizadas as obras “O Olho Interminável: Cinema e Pintura” e “Moderno? Por que o Cinema se Tornou a mais Singular das Artes”. De Costa (2005): “O Primeiro Cinema: Espetáculo, Narração e Domesticação”, de Gombrich (2011) *A História da Arte*. De Legrand (1995), *Chronicle of The Cinema*. De Machado (2011) “Pré-Cinemas & Pós-Cinemas”. De Schapiro (2002.) “Impressionismo”. E de Severino (2007 & 2011), além da “Metodologia”, também foi utilizado “Arte e Ilusão”. Hauser (2010) contribuiu com “História social da arte e da Literatura e Hobsbawn ajuda a finalizar com “A era dos impérios: 1875-1914”.

3. METODOLOGIA

Caráter exploratório e investigativo, com levantamento de dados sobre a Arte Impressionista e o Pré-Cinema. Confrontando as duas literaturas e após obter os dados necessários, estabelecer um parecer sobre a influência e/ou convergências da Pintura Impressionista nas primeiras produções cinematográficas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão desta investigação após uma viagem nas visitas em museus, cinematecas e acervos observou que o cruzamento de dados e informações sobre a possibilidade da Arte Impressionista do final do Século XIX ter influenciado o Pré-Cinema. O cinema, em seu primeiro momento contou como mais uma maravilha do mundo capitalista industrializado e pós-revolução industrial. Em seguida surgiu como uma evolução natural da fotografia, que se fez representante de uma revolução sem igual para as artes visuais, sendo que a pintura foi o campo de manifestação artística que mais sentiu a mudança advinda da patente fotográfica.

Os movimentos artísticos na contemporaneidade influenciam todas as ciências e o conhecimento de forma geral. Na publicidade e jornalismo tem o viés de se popularizar atingindo *mass mídia* por meio das peças publicitárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, G.C. **Arte Moderna**. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2010. p. 75-149.

AUMONT, J. **Moderno? Por que o Cinema se Tornou a mais Singular das Artes**. São Paulo. Editora Papirus, 2008. p. 7-16.

_____. **O Olho Interminável: Cinema e Pintura**. São Paulo. Editora Cosac Naify, 2004. p. 25-48.

CORREIA, Donny. *Representações estéticas da metrópole no cinema de autor dos anos 1920*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte/ USP. Defesa em 28/08/2014.

COSTA, F.C. **O Primeiro Cinema: Espetáculo, Narração e Domesticação**. Rio de Janeiro. Editora Azougue, 2005. p. 23-70.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro. Editora LTC, 2011. p. 325- LEGRAND, C. **Chronicle of The Cinema**. Londres. Editora Dorling Kindersley, 1995.

MACHADO, A. **Pré-Cinemas & Pós-Cinemas**. São Paulo. Editora Papirus, 2011.

SCHAPIRO, M. **Impressionismo**. São Paulo. Editora Cosac Naify, 2002.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo. Editora Cortez, 2011. 339, p. 474-497.

_____. **Arte e Ilusão**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2007.

HAUSER, A. **História Social da Arte e da Literatura**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2010. p. 727-992.

HOBBSAWN, E.J. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. São Paulo. Editora Paz e terra 1875/1914